

CARTAS E AUTORIA FEMININA: A VOZ DA MULHER EM MARIQUITA SÁNCHEZ

Claudio Oliveira

Resumo

Este trabalho tem por objetivo inter-relacionar as cartas deixadas por Mariquita Sánchez com a finalidade de articulação política e social. Considerando que a mulher era silenciada e não tinha voz, afirmamos que o gênero epistolário (cartas) era um artifício usado por tais mulheres para que fossem escutadas. Como referencial teórico adotamos Guidobono (2009), hooks (1995), Medina (2009), Mizraje (2010), Muhana (2000) e Romanelli (2014). Concluimos, portanto, que a carta era uma forma de articulação político-social usado por Mariquita Sánchez, que também a usava como recurso para se aproximar dos entes queridos próximos, como filhos, marido e neto.

Palavras-chave: Mariquita Sánchez. Gênero Epistolário. Cartas. Escrita feminina.

LETTERS AND WOMAN WRITING: WOMAN VOICES IN MARIQUITA SÁNCHEZ**Abstract**

This paper aims to interrelate the letters left by Mariquita Sánchez with the purpose of political and social articulation. Considering that the woman was silent and had no voice, we affirm that the epistolary genre (letters) was a device used by such women to be heard. As theoretical framework we adopted Guidobono (2009), hooks (1995), Medina (2009), Mizraje (2010), Muhana (2000) and Romanelli (2014). We concluded, therefore, that the letter was a form of social-political articulation used by Mariquita Sánchez, who also used it as a resource to approach close loved ones, such as children, husband and grandson.

Keywords: Mariquita Sánchez. Epistolary Genre. Letters. Woman Writing.

Introdução

Partindo da afirmação de que a mulher do século XIX era silenciada, convém fazer uma reflexão de quais artifícios ela dispunha para que pudesse ser escutada. Consideramos o gênero epistolário como uma forma de se dar voz a mulher (na verdade, ela própria se dá o direito à voz), mesmo que de uma forma velada. Vale ressaltar que ela era proibida de publicar o que escrevia, a não ser com prévia autorização de uma figura masculina, por escrito. A autoria feminina é uma característica marcante em Mariquita Sánchez, uma representante política feminista do século XIX da sociedade de Buenos Aires, que inclusive foi encarcerada por levantar sua voz e querer ser ouvida. Baseamo-nos em suas cartas e em estudos realizados por pesquisadores (quase que em sua totalidade de nacionalidade argentina e uruguaia) com o propósito de comprovar a influência de Mariquita Sánchez na República Argentina usando as cartas como artifício fim de articulação política e social.

Neste estudo faremos um levantamento bibliográfico de quem foi María Josefa Petrona de Todos los Santos Sánchez de Velazco Trillo, majoritariamente conhecida como Mariquita Sánchez, nos apoiando em estudos preliminares sobre esta figura tão representativa para a sociedade portenha, a qual emprestou o salão de sua residência para que o hino da Argentina fosse entoado pela primeira vez no século XIX.

Este trabalho adquire suma importância no que tange o que irei denominar aqui de estudos tradutórios/tradutológicos de gênero, tendo em vista que enfoca a escrita feminina como sendo o cerne da investigação e de que forma a mulher silenciada adquiria voz. Essa pesquisa nasce do interesse suscitado nas aulas da disciplina de seminário de pesquisa, ministrada pela professora doutora Meritxell Hernando Marsal, no âmbito do programa de pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, em que abordava os estudos da tradução numa perspectiva de gênero, sempre induzindo a reflexão sobre o olhar que se tinha e que infelizmente ainda se tem sobre a figura da mulher.

Convém ressaltar que Mariquita Sánchez não era uma escritora profissional, como mencionam Ureña y Borges (1998, p. 36) “María Sánchez no era escritora profesional; compuso versos, sólo como entretenimiento; pero sus cartas son una revelación de su personalidad singular y de sus tiempos, los tiempos en que se crea la Argentina”, inclusive porque seu tempo assim não o permitia, mas escreveu diversas

cartas endereçadas a seus amigos (em sua grande maioria pertencentes à sociedade política portenha). No entanto, ela deixa como herança literária uma obra escrita, com o título de “Recuerdos del Buenos Aires Virreynal”, um dos motivos que a caracterizam como sendo “transgressora¹”.

Justificamos este trabalho pela importância de se tratar questões de gênero e por Mariquita Sánchez ser um grande exemplo do tipo de mulher tida como “transgressora”, uma mulher intelectual, engajada nas causas sociopolíticas da época. Esse tipo de pessoa (como Mariquita Sánchez, no século XIX) de acordo com hooks² (1995, p.468) [...] “lida com ideias, transgredindo fronteiras discursivas porque ela vê a necessidade de fazê-lo.”

Justifica-se essa pesquisa também pela quantidade de cartas escritas por Mariquita, de cunho próprio, com a finalidade de articulação política, revelação de sentimentos ocultos e como forma de alimentar a amizade e as relações interfamiliares.

Por esse motivo, colocar a mulher em posição de destaque, elevar o índice de trabalhos relacionados a este gênero tão oprimido (mais ainda no século XIX) é de suma importância para enaltecer os feitos dessas mulheres corajosas, inteligentes e transgressoras.

Mariquita Sánchez: mãe, esposa e amiga transgressora.

(...) una fina cronista con buena memoria y conciencia de la proyección histórica que podían tener sus escritos (más o menos privados) y capaz, de todas maneras, de ser deliciosa y políticamente incorrecta; también una mujer política hecha y derecha que operaba entre bambalinas con tácticas retóricas agudas y ambiciones propias; una intelectual afrancesada que nunca conoció París y bien merece transcender, además, como escritora; una viuda casada en segundas nupcias, madre de cinco hijos y activista a favor de la educación de las mujeres, aún cuando sostener esa necesidad la llevara a enfrentarse [hasta] con [Domingo F.] Sarmiento. (VALLEJOS, 2004 APUD MEDINA, 2009, p. 141)

¹ Mulheres que ousavam se rebelar contra o sistema patriarcalista e machista eram chamadas de “transgressoras”. Segundo o dicionário *online*, o termo transgressora significa pessoa que transgredir, que vai além dos limites de algo. Quem não segue normas, ordens, leis etc.; contraventor, infrator. (fonte: <https://www.dicio.com.br/transgressora/>. Acesso em: 22 de julho de 2019)

² Justifica-se o nome da autora escrito em letra minúscula por ser uma opção da mesma, para contrariar as regras ortográficas pré-estabelecidas.

“Você é um injusto, não se contenta com a política e nem com os jovens e quer guerrear com as mulheres. Você não sabe que maus inimigos são! Não nos faça guerra que podemos ficar muito bem estando de acordo.”³ (SÁNCHEZ apud. MIZRAJE, 2010, p.35, tradução nossa). Contextualizemos a citação para termos uma noção do impacto que estas palavras têm quando proferidas por uma mulher.

A carta na qual essas palavras foram escritas data do ano de 1846, em pleno século XIX, período em que a visão que se tinha da mulher ainda era muito patriarcal e extremamente machista. Foi endereçada a Domingos Faustino Sarmiento, Diretor Geral de Escolas da Província de Buenos Aires, ou seja, uma figura masculina de grande visibilidade pública. Como uma pessoa que possuía um importante cargo na sociedade poderia receber uma crítica tão ferrenha e ser desafiado por uma mulher? Pensando dessa forma podemos sentir o quanto Mariquita Sánchez representou para as mulheres, sem medo de dizer o que sentia, usando de suas cartas como forma de diálogo entre os mais nobres e poderosos da sociedade portenha em consolidação política e econômica, fazendo críticas, sugestões, enfim, se embrenhando nas causas sociopolíticas da época, coisa que para uma mulher “comum” isso não seria possível.

A herança memorística deixada por Mariquita nos fundamentos da sociedade de Buenos Aires é eternizada nos estudos realizados sobre ela. Suas cartas foram resguardadas e hoje, grande parte delas, faz parte do acervo do museu histórico nacional da Argentina. Mariquita teve e ainda tem grande visibilidade nacional por todas as características apresentadas por ela, como descreve Guidobono (2012, p.2)

Aunque eternizada como la Gran Anfitriona Nacional por haber prestado el salón de su casa para estrenar el Himno, Mariquita Sánchez de Thompson fue bastante más: mujer política, pionera defensora de la necesidad de la educación para las mujeres, rebelde capaz de poner en foco cuán público debe ser lo privado.

Narrar y analizar la vida de Mariquita Sánchez es escribir la nación : la patria argentina nace al mismo tiempo que Mariquita deja la niñez y hasta podría decirse que mujer y nación llegarán juntas a la madurez. El Río de la Plata, cual nación joven, será narrada por una también joven Mariquita en relatos epistolares, lo que resultará en una casi etnografía de la vida cotidiana en la sociedad decimonónica. La permanente participación de Mariquita Sánchez en los sucesos históricos de la primera mitad del siglo XIX la trasformarán en una figura iconográfica de la independencia argentina. Su activa presencia en la vida política y su autonomía de pensamiento, escritura y acción le ganarán fama de extravagante y recibirá el epíteto de “loca” no pocas veces a lo largo de su vida. Las transgresiones de esta dama patricia a la normativa de género

³ “Usted es un injusto, no se contenta con la política y los muchachos y quiere pelearse con las mujeres ¡y no sabe usted qué malos enemigos son! No nos haga la guerra que podemos hacer mucho bien estando de acuerdo” (citação original)

de la época resultarán en una serie de medidas de disciplina, tales como el confinamiento, la censura social y, finalmente, el exilio de esta mujer.

Essa forte figura adquire suma importância no que tange a defesa pela educação das mulheres da época, as quais recebiam ensinamentos propícios para a vida matrimonial, já que não havia perspectiva profissional para o gênero feminino. Suas vidas deveriam ser entregues unicamente ao cuidado familiar e a sua relação conjugal. Essa “rebeldia” por parte de Mariquita a levará posteriormente ao encarceramento. Ela incomodou não somente os políticos da época, mas também os intelectuais, como vemos na fala de Medina (2009, p. 160)

Con su presencia y accionar público, Mariquita Sánchez modifica el paisaje social, incorporando a las mujeres a algunos –limitados pero significativos– espacios de poder. Con sus epístolas y crónicas, molestará a sus compañeros de clase social e incomodará a los intelectuales con sus planteos modernizadores y críticos, tanto en temas considerados “femeninos” (tales como la educación de las niñas, por ejemplo) como en temas de “alta política” (el estímulo a la migración, la censura ideológica, la violencia pública, etc.).

Obviamente que características como essas não eram bem vistas na época. Corria-se o risco de mulheres se rebelarem contra o sistema patriarcal tão solidificado e aceito socialmente. Sendo assim, esperava-se que atitudes como as de Mariquita fossem cessadas.

Desde muito cedo Mariquita se mostra diferente. Ao ser prometida em casamento a Diego del Arco pelos seus pais, Cecilio Sánchez y Magdalena Trillo, demonstra sua insatisfação pedindo-lhes que reconsidere a escolha, tendo em vista que o escolhido era, segundo Camarasa (2008, sem paginação), um viúvo em que ninguém tinha um bom conceito, “su propio padre decía que era mujeriego y calavera, y pedía que no se le hicieran préstamos pues no reconocía deudas⁴.” A jovem menina estava apaixonada e era correspondida pelo seu primo, Martín Thompson, o qual não era visto como um “bom partido” pelos seus tios. Em uma de suas cartas ela chegou a escrever-lhe: “Seré suya o de nadie”. Conseguimos identificar o tom desafiador das palavras escritas por Mariquita, tão comum em seus escritos. Em outra carta endereçada ao seu apaixonado, ela relata:

⁴ Seu próprio pai dizia que era mulherengo e velhaco e pedia para que ninguém lhe emprestasse nada porque não honrava suas dívidas. (tradução nossa)

Señor don Martín Thompson:

Muy Señor mío:

Cerciorada por la de Vuestra Merced que acabo de recibir que para terminarme la instancia que ha dirigido al Excelentísimo Señor Virrey a efecto de que me habilite para que celebremos el matrimonio que tenemos contratado mediante a que se opone mi señora madre, se le ha mandado que presente poder mío, podrá Vuestra Merced hacerlo sirviendo esta carta, pues ella doy toda la amplitud que sea necesaria en el concepto de que será suficiente, a vista de que las actuales circunstancias no permiten otra cosa y para que conste la firmo en Buenos Aires a 11 de julio de 1804.

MARÍA DE LOS SANTOS SÁNCHEZ

Esta carta nos permite vislumbrar como a jovem e rebelde Mariquita já sabia engendrar-se no uso das cartas como forma de articulação, congregando a utilização da escrita a seu favor. Conseguimos ver também a eloquência e as relações sociais já existentes por meio dos destinatários aos quais as cartas eram endereçadas⁵.

Como vemos, as cartas naquela época eram importantes ferramentas de articulação política e comunicação entre os pares. Por essa razão, convém fazer um tópico sobre este gênero tão significativo para um período em que a comunicação não era tão fácil como nos dias atuais, sempre relacionando com os deixados epistolares de Mariquita.

Vozes em Cartas: O gênero epistolário

Ao longo de milênios a carta escrita foi um veículo de comunicação extremamente importante e eficaz. Podemos citar como exemplo as epístolas dos apóstolos registradas no livro sagrado, comumente conhecido como “bíblia sagrada”. A grosso modo, podemos dizer que a função deste gênero é de comunicar, informar, transmitir informações escritas a punho pelo próprio emissor, o que desperta um sentimento de proximidade entre quem escreve e destinatário. No entanto, majorando a definição do que é o gênero epistolar podemos nos apoiar na fala de Muhana (2000,

⁵ Neste caso se faz referência ao virrey, mencionado na carta escrita por Mariquita. O cargo de virrey era uma nomeação efetuada pelo rei da Espanha, o qual detinha poder político sobre o território argentino e era considerado a autoridade máxima, como uma espécie de representante do rei. De acordo com as pesquisas realizadas, no ano da escrita da carta (1804) o virrey da província de Río de la Plata era Rafael de Sobremonte, substituto do seu antecessor falecido Joaquín del Pino y Rozas.

p.330) quando diz que “[...] a redação das cartas constitui uma arte, à qual são aplicáveis os preceitos da antiga oratória.” Constitui uma prática complexa e envolve a capacidade oratória para que seja compreendida e desenvolvida. Ainda segundo Muhana (2000, p. 331)

Tudo se passa na escrita. Fala ausente, para ausentes, de ausentes. É apenas pela escolha e combinação das palavras que o escritor irá mostrar ao leitor o seu pensamento sobre as coisas, mostrando as coisas sobre as quais fala sob uma certa luz. Além disso, pode ser definida como parte de um diálogo, ou melhor, a metade de um colóquio, e não um discurso, a epístola implica interlocutores com o mesmo direito e dever à escrita.

Podemos inferir, portanto, que a escrita de cartas constitui uma capacidade de escrever com a necessidade de se saber quem será o interlocutor do emissor, para que aquele que a envia saiba como se expressar, já que não possui, além de palavras, outro código linguístico para que possa exprimir-se.

A mulher, como figura oprimida desde os primórdios, se utilizava deste gênero como artifício para que pudesse se expressar, mesmo que muitas vezes de forma velada pela utilização de um pseudônimo. Podemos citar como exemplo Amandine Dupin sob o pseudônimo George Sand, as irmãs Brontë sob o pseudônimo dos irmãos Bell. O silenciamento feminino era tão grande que

[...] Além do pseudônimo masculino, algumas escolhiam (ou talvez fossem obrigadas) a publicar com o nome do marido, como aconteceu com Vivien Haigh Eliot, esposa de T.S. Eliot. Ele não só roubou poemas de sua esposa, como a internou em um manicômio, lugar aonde ela veio a falecer em 1947. (ROMANELLI, 2014, p. 15)

Segundo alguns (as) pesquisadores (as) a escrita feminina adquire uma superioridade em relação à escrita feita por homens. Para Bruyère (1912, p. 69) “elas são mais felizes na seleção de termos, usando-os comumente de forma tão acertada que, mesmo sendo bem conhecidos, apresentam um atrativo da novidade e parecem bons para a ocasião”. Nas cartas de Mariquita isso fica perceptível por apresentar uma linguagem rebuscada, recheada de termos pertencentes à norma culta escrita, como vemos nos trechos seguintes (em espanhol):

Me imagino tus **pesares y abatimiento** al ver destruídas **tan justas esperanzas**, pero es joven en todo sentido, tienes un **porvenir** y debes redoblar tu **valor y constancia** para seguir el camino en que te ha arrojado la suerte. (Carta enviada a seu filho Juan, em 26 de novembro de 1839, grifos nossos)

Querida Florencia: Magdalena salió antes de ayer y esto te dice todo. Mi alma está despedazada y mi cabeza aturdida. Ha llevado cuanto puede llevar para su comodidad y regalo. (Carta enviada a sua filha Florencia, no dia 11 de agosto de 1842)

Querido Enrique:

Considero tu entusiasmo al verme en campaña y, aunque no haya muertos y heridos en los combates que me esperan, hay peligros y muy malos ratos. Al recibir mi nombramiento y ver que era la primera de quien se había acordado el gobierno aún estando aquí, **me lisonjeo**, esto te lo protesto; **pero todo el día estuve triste y llorando sin saber por qué**. [...] (Carta enviada a seu neto Enrique no dia 22 de março de 1852. Grifo nosso.)

Apesar dos trechos das cartas selecionadas serem remetidas para seus filhos e neto, podemos observar o cuidado com que Mariquita escreve, demonstrando um perfeito domínio da norma culta escrita, independentemente do seu destinatário. Isso também se refere a criação da mesma, tendo em vista que estudou e recebeu uma boa educação. Conseguimos detectar também uma tendência ao lirismo, usando a carta com o objetivo de expressar seus sentimentos e emoções.

Vemos, portanto, que o gênero epistolário está intrinsecamente ligado aos deixados escritos por Mariquita Sánchez, fato que nos faz mergulhar profundamente em seus sentimentos sem ao menos tê-la conhecido, graças ao poder memorável que as cartas têm de revelar o oculto pelas pessoas, permitindo-nos conhecê-las somente pela capacidade discursiva registrada em palavras escritas.

Conclusão

Em suma, podemos concluir que Mariquita Sánchez deixou um legado histórico escrito de inestimável valor. Suas cartas, escritas de punho próprio, mostram tudo o que essa mulher tão significativa para a época pensava. Cremos que ela foi um marco no nascimento da sociedade portenha, congregando em si a força necessária para a emancipação política do território até então pertencente à Espanha.

Refletimos sobre o quanto as mulheres foram e ainda são oprimidas, sendo-lhes negado o poder da fala, encarcerando-as em um silêncio passível de acaba-lo, mas incutindo-lhes o medo para que não tivessem coragem de fazê-lo. Mariquita se mostra como uma transgressora, termo já definido no decorrer deste trabalho, fato que a faz ser

considerada como uma louca. Claro, afinal são considerados loucos todos aqueles que se rebelam contra o sistema.

As cartas foram ferramentas de imenso valor quando nos referimos à escrita feminina e a expressão de sentimentos. É factível que elas eram fortes aliadas ao que concerne “dar-se voz a mulher”, mesmo que de forma velada e em sua maioria anonimamente, escondidas atrás de pseudônimos.

Enfim, esperamos que a questão de gênero esteja sempre em discussões de nível acadêmico e social, e que as mulheres tenham mais vez e voz, principalmente na literatura, com obras que se destaquem e expressem o quanto boa é a escrita feminina e que, sim, as mulheres podem e devem ter lugar de destaque na sociedade e que isso seja considerado normal, e não somente uma dentre milhares que conseguiram se sobressair entre os homens.

REFERÊNCIAS

BORGES, Jorge Luis; UREÑA, Pedro Henríquez. **Antología clásica de la literatura argentina**. Buenos Aires: Seix Barral, 1998.

BRUYÈRE, Jean de la. **Los Caracteres de Teofrasto traducidos del griego, con los caracteres o las costumbres de este siglo**. París : Garnier Hermanos, 1912.

GUIDOBONO, Sandra Olivero. **Sentir y vivir en femenino** : las mujeres en la historia de Hispanoamérica. Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En ligne], Débats, mis en ligne le 02 octobre 2012. Acesso em: 20 mai. 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/64028>

HOOKS, bell. **Intelectuais Negras**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464, jan. 1995. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>>. Acesso em: 10 abril 2019.

MEDINA, María Clara. **Loca por la Independencia**: Género y Razón ilustrada en Mariquita Sánchez hasta su exilio (Río de la Plata, primera mitad del 1800). In Bicentenario de la independencia latinoamericana (1810-2010) / Bicentennial of the Independence of Latin America (1810-2010): The Nordic perspective Anales - Instituto Ibero Americano, 2009 no. 12 p. 135-164.

MIZRAJE, María Gabriela. **Intimidad y Política**: Diario, cartas y recuerdos de Mariquita Sánchez. Buenos Aires: Hildago Editora, 2010.

MUHANA, A. **O gênero epistolar: diálogo per absentiam**. *Discurso*, (31), 329-346. USP, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.2000.38043> Acesso em: 29 jul. 2019

ROMANELLI, Marina. **A representatividade feminina na literatura brasileira contemporânea**. Monografia (Graduação em Produção Editorial) — Escola de Comunicação, UFRJ, 51f. Rio de Janeiro, 2014.